

# O TYPOGRAPHO.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

Collaboraderes—Diversos.

Este jornal pertence aos typographos da Regeneração. Publica-se uma vez por semana, aos domingos. Preço da assignatura : por uma série de 10 numeros 1\$000, pagamento adiantado.

2.ª Serie | Desterro, 17 de Novembro de 1872. N. 17

## AVISO.

Por motivos de alto alcance, não foi possível tanto neste domingo como no passado ser entregue o nosso jornal, conforme é do costume, pelo que pedimos desculpa aos Srs. assignantes.

## O TYPOGRAPHO.

Desterro 17 de Novembro de 1872.

### A' mocidade.

Erguei-vos, caminheiros do progresso; erguei-vos, que o sol das glórias, já illumina com seus primeiros raios as virentes campinas do futuro.

Erguei-vos, que acabou a longa noite da inercia.

Caminhai!

A estrada está salpicada de urzes, coberta de abrolhos, cheia de abysmos; mas vós sois fortes, tendes o ardente fogo da mocidade a arder-vos no coração, que palpita anhelante, tendes o fogo do genio a escaldar-vos as frentes.

Não vâdes?

O arbusto que nasce d'encontro ás agrestes penedias dos valles, não tem seiva, morre, sem deixar um mequinho rebento, que atteste a sua existencia, que mostre ao viandante, que alli houve uma planta, que morreu por falta de cuidados.

Fugi, que as penedias são o emblema da ignorancia.

Olhai mais longe.

No cimo da montanha, balança magestoso o velho carvalho, velho, mas verde, coroadado de fiôres: — chegai-vos á sua sombra; o carvalho symbolisa a força e a grandeza.

Não ouvis um som?

E' um hymno de gloria, entoado nos campos do futuro, cujos échos chegam até vós como um grito de júbilo, como um convite dos anjos.

Guiai-vos pelos sons desse hymno, e caminhai.

Quando chegar des junto de quem o entôa, sereis recebidos com flôres, com exclamações de alegria, com coroas de virentes louros.

Caminhai! — Que vos falta?

Tendes forças, coragem, mocidade e genio, e o dia é bello para a vossa longa jornada!

Caminhai; galgai precipicios, atravessai montes e valles, rasgai vossas carnes nos agudos espinhos do dezerto.

Que importa?

Affrontai o salto dos reptis peçonhentos, luctai braço á braço com as feras.

Que importa? —

Que importão todas as afflicções, sobresaltos, agonias, se andais em busca da gloria, que não vêdes, mas que está tão proxima de vós?

Que importão as dôres, que importa que corra vosso sangue em borbotões, se

tendes em recompensa — um futuro brilhante de luz, matizado de flôres, respirando incbriantes perfumes?

Caminhai ! O dia è bello para a vossa longa jornada !

As aves cantam !

O seu canto è um hymno de gloria entoado á vossa passagem ; as feras rugem nos seus nêgras covis : os seus rugidos resumem-se n'um grito :

— Avante !

As brizas romurejam entre as folhas da palmeira esguia, e dizem no seu saudoso murmúrio :

— Avante ! . . . . .

As flôres que desabrucham, tem uma palavra escripta em suas perfumosas folhas :

— Avante ! . . . . .

Tudo vos convida á caminhar.

As aves, as brizas, as flôres, as proprias feras vos convidam a caminhar ! . . .

E' dia, levantai a tenda de viajante, que o sol surgio.

Avante ! que o dia è bello para a vossa longa jornada !

**ROMANCE**

**Maria.**

ou

MEMORIAS DE UM SEDUCTOR.

**XI.**

PARTIDA:

Quinze dias depois do que acabamos de narrar, Alvaro deixou a casa paterna.

Seus importantes negocios o chamavão para longe.

As ultimas palavras que disse ao velho, forão estas:

— Meu pai, sentido com esse homem que se-mostra tão seu amigo.

E, dando uma forte chicotada no seu cavallo, partiõ a galope.

Alvaro não me-vio quando proferio

aquellas palavras, mas eu o-ouvi, pois que achava-me á pouco distancia, occulto por-traz de uma laranjeira, para melhor poder contemplar o angelico rosto de Maria.

**XII.**

SEDUCÇÃO.

Alvaro tinha razão.

Eu tinha uma idéia fixa: arrebatara Maria aos tremulos braços de seu carinhoso pai, e levara-a para bem longe.

Que caso podia eu fazer de lagrymas, se ia saciar os meus desejos ? . . . . . Que me-importavão prancos se-eu ia ser feliz, ao menos um dia ?

Nêste dia, ficando á sóz com Maria por um momento, declarei-lhe o meu amôr como puro, sancto, incomparavel; ella deo credito ás minhas palavras, dôces na apparencia, mas cujos sentido era nêgro e terrivel,

— Maria, continuei eu, queres ser feliz ? Abandonêmos hoje mesmo esta casa; vamos, um padre nos-espera.

— Não lêmas que eu te-engane; não, o amôr que te-consagra é nobre.

Maria callou se.

— Não responde ?

— O meu tambem é . . . . . murmurou corando.

Queres acompanhar-me ?

**XIII.**

AFFLIÇÕES.

A' meia noite, Maria abandonava a casa de seu pai: e-tavão cumpridos os meus desejos.

Levei-a para um hotel.

No dia seguinte, para não despertar desconfianças no velho, fui visital-o.

Elle, assim que me avistou, veio ao meu encontro.

— Sabe, meu amigo ?

— O que ?

— Minha filha fugio, deixou-me. . .

E começou a chorar; de novo mistura-mos possas lagrymas. as delle erão verda-

dadeiras, sinceras, mas as minhas — mentidas e derramadas é força.

— Quem seria o miseravel? — Exclamei, fingindo desespero. — Eu a-amava, meu amigo. Queria despozal-a...mas,.. ella despresou. o men affecto.

— Não se afflija. Algum dia ella hade vir batter á porta da casa de seu velho pai, que tanto a-amava, para lhe-pedir perdão. então...

— Deshonrada! Deshonrada já!...

— Maldito seja quem minha filha roubou!

— Oh!...

— Que sobre elle caia o rayo da justiça divina.

— Não! não! Elle é um miseravel!

— Que me-enlameou as cans com o lodo do opprobrio! Maldito seja!...

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

## Segunda Parte.

I.

MARIA.

Nove horas tinham acabado de soar. A noite estava escura e fria. Sali do hotel onde estivera o dia inteiro, e, depois de ter dado alguns passos, suspendi-me e como tomado de uma subita ideia, voltei.

— Então, minha querida disse eu á Maria que estava reclinada sobre um sofá. Então, minha querida, ainda insistes para que eu não vá ao baile amanhã?

Maria levantou-se de repente, e caminhando para mim respondêo:

— Ainda, senhor? Disse-lhe que não queria que fôsse a semelhante baile; se insista em ir, desde já lhe declaro que ficam quebradas as nossas relações. O Sr. é um homem sem palavra, sem pundonor: ainda não ha muitas horas que jurou, ajoelhado a meus pes. que cumpriria, embora fosse necessario o sacrificio de sua vida, os meus mais pequenos desejos; no entretanto despresou as minhas supplicas, zombou dos meus extremos de amor, e vai a esse mal-

dicto baile. Cumpra-se a sua vontade: vá; mas quando voltar, não me encontrará mais. Terei deixado esta casa, esta cidade mesmo, só para não passar pelo desgosto de encontrar-me com um homem, que me arrebatou — aos braços de minha familia, que a esta hora chora lagrimas de sangue pela sua deshonra, sómente para saciar a sua sede de lascivia. Eu sei qual é o seu intento, indo a esse baile; talvez que lá o espere alguma cantora...

— Sabe tudo! murmurei.

Maria continuou:

—.... que lhe possa offerecer mais attractivos do que eu. Não importa. Com essa mulher o Sr. nunca terá remorsos de viver, o que não succede vivendo comigo. Vá, Sr. estimarei que se divirta e que seja muito feliz....

— Maria... eu te amo...

— Maria morrêo para o seu amor, Sr. quem está na sua presença á uma mulher offendida.

— Perdôa-me... eu não vou...

— Silencio!... Não queira faltar segunda vez á sua palavra. Demais, eu não preciso de sacrificios, principalmente de sua parte. Guarde-os para Esmeralda.

— E' falso!

— O que?

— Não tenho relações com essa mulher.

— Tenho provas.

— E' falso!... clamei eu lançando-me á Maria.

— Não se approxime, que póde arrepen-der-se.

— A prova! a prova do que disse, Srna.

— Mais baixo: não é necessario escandalo. (Continua)

## No dia de meus annos.

Folguemos coração! ainda agora  
Comecei a ser gente na existencia!  
Vinte e dois annos só! sou mesmo um noivo,  
Um jacintho de amor na adolescencia!

## O TYPOGRAPHO.

O buço desabrocha levemente . . . .  
Que macio que vem, quão será lindo !  
Ave ! iris da minha mocidade !  
Sê-bemvindo, meu buço, sê-bemvindo !

Mas . . . que é isto ? parece que intristeco ? !  
O' lá, tristeza, ó lá ! eu te-esconjuro !  
No dia dos meus annos . . . . que lembrança !  
De que me-lembrarei eu ? do meu futuro !

Meu futuro . . . . José traz charutos  
E de passagem o cognac e vinho . . . .  
Vai alli perguntar se é grega ou china  
A palavra — futuro — ao meu visinho .

E' cousa que ha de vir ? — Eu seja frade,  
Se em cousas que hão de vir tenho 'speranças !  
Nasci . . . . heide viver . . . sou fatalista,  
Não creio em contos de ninar crianças !

Meu futuro é dormir as quentes séstas  
Sobre a grama dos prados e boninas ;  
Andar ahi com fome pelas ruas  
Mendigande os amôres das meninas.

Amôr . . falo em amôr ? — . . Lembro-me agora  
Eu já tive uns amôres . . . . ha dois annos . .  
Amei uma donzella . . . . innocentinha . . . .  
Ella amava, commigo, a trez maganos !

Dois rivaes para um ! não fui covarde,  
Tive juizo, abandonei a praça ;  
Vim para casa, fiz uns versos tristes . . . .  
E d'ahi . . . . fui poeta . . . . que desgraça !

Não . . . . não quero na terra os meus amôres !  
Os duellos ás vezes fazem damnos . . . .  
E' tão bom se-viver . . . . os dias passam . . . .  
No fim dos dôze mezes se-faz annos ! . . . .

Os amôres do céu tem mais poesia,  
Alli deve-se amar á rédeas soltas ;  
Que no céu não ha linguas de intrigantes  
Como as linguas d'aqui . . . . tão desinvoltas,

A lua é uma cigara, arranja a vida  
Com teteyas de amôr, se não me-ingano ;  
Vale a pena pedil-a em casamento . . . .  
Tenho uns modos assim . . . . para cigano !

Fumo cigarros ; sei tocar viola ;  
Canto modinhas com requembro e graça :  
Para ser um cigano de mancheia  
Só me-falta vender — rimas na praça.

Palavra de honra ( que no céu Deus haja ) .  
Sinto dentro do craneo uma fragura !

Ora, se a lua è fria como dizem,  
No cõllo da cigana . . . . que frescura !

O' lá de cimal se te-apraz um noivo,  
Um pobre doudivanes ca de baixo,  
Eu me-apresento candidato a esposo,  
E na lista de amôr o nomê incaixo !

Sou moço e forte; ouço missa áe vezes;  
Não creio nos Catões Americanos;  
Detesto o servilismo....( c' est dommage ! )  
E fiz hoje, a final, vinte e dous annos !

BRUNO SEABRA. ( *Flôres e Fructos.* )

### CHARADA.

Lá entre as notas da musica — 1  
Nunca cesso de brilhar — 2  
Com as vélas enfunadas  
Rasgando os seios do mar.

Das igrejas faço parte — 2  
Dos pomares fructa sou — 2  
Sou terrinha brasileira ....  
Imda não acivinhou ?

Não ha rio que não me tenha — 1  
Onde se executa a lei — 2  
Util em todas as casas ....  
Em todo logar....que sei ?

Eu da musica sou nota — 1  
E entre as notas estou — 1  
E da musica entre as notas-- 1  
Elle foi, tu fôste, eu sou.

Nos ares, no espaço sem azas, voando -- 1  
Bramindo espumante, sedento, feroz -- 1  
Lá cantão as aves seus castos amôres,  
Lá, meigas e alegres, desprendem a voz.

Typ. da «Regeneração» Largo de  
Palacio n. 24.